

## 100 anos de produção

### A Hundred Years of Production

Adilson Vilaça\*

**O** texto literário que se tece sobre uma época, sobre um lugar e sua sociedade, constitui rico documento. É acervo no qual podem se agasalhar não apenas o fato e suas versões, mas também o sentimento, o simbólico, o imaginário e o estilo narrativo de seus autores naquele período. Por si, os gêneros literários distintos ofertados para tal contar já contextualizam facetas singulares; que, no conjunto, manifestam a diversidade autoral presente no apurado recorte do calendário histórico e na tessitura socioantropológica vivenciada.

No Ano do Centenário, a Academia Espírito-Santense de Letras (AEL) celebra, entre tanta outra coleção de fazeres, sua escolha de não se encantar na inércia do mérito. A AEL é uma casa produtiva, bem-sucedida no intento de ir além de abrigar e de fomentar os talentos nela assentados. O passo da AEL não se encolhe tão somente no incremento ou acolhimento da produção individual de seus membros – seu compasso mira o horizonte da produção coletiva, que

---

\* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Jornalista. Escritor. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira n. 13).

transborda a rumorosa quietude de seus cômodos e invade o dia a dia, as perspectivas e as esperanças da coletividade.

É de sua índole convidar também a sociedade para participar da construção de um acervo autoral e contextual, além de cuidar do registro analítico de obra e vida de escritores locais e de repaginar produções preciosas para a memória e para a História da cidade. A decorrência dessa integração com a cidade Ilha e sua sociedade mais se desponta na edição das coleções Escritos de Vitória, Roberto Almada e José Costa. Desde 2007, por meio de convênio com a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória, a Academia se responsabiliza pelas publicações atinentes às três coleções, todas vigentes há mais de duas décadas.

### **Escritos de Vitória**

Tudo começou com a Coleção Escritos de Vitória, em 1993. Em seu nascimento e nos anos iniciais, o projeto ainda não contava com a participação da Academia de Letras. Porém, desde lá, vários de seus membros escreveram para a Coleção. Inicialmente, a edição se fazia sob a minha coordenação apoiada em Conselho Editorial que mesclava intelectuais e escritores capixabas. Mas se foi aperfeiçoando, até que se constituísse na configuração atual, muito ajustada. O que não quer dizer que não possa melhorar. Permanecer aberto a mudanças e em busca de aprimoramento é uma característica essencial à longevidade e ao vigor dos bons projetos. Mas como tudo começou?

No início de sua gestão municipal (1993-1996), o prefeito Paulo Hartung convidou-me a apresentar projeto literário para a Secretaria Municipal de Cultura e Esportes, então sob a regência do professor Joaquim Beato. Delineei um esboço cujo intento era o de encantar e atrair para suas páginas autores que pensassem a cidade, de maneira a contar a muitas vozes uma visão de Vitória. Estampando tal propósito, o projeto foi bem recebido por Joaquim Beato e pelo prefeito. Em

reunião na secretaria de Cultura, seria designada para acompanhar o projeto a subsecretária Miriam Santos Cardoso.

A apresentação do projeto Coleção Escritos de Vitória ao corpo de secretários, convocado pelo prefeito a seu gabinete, foi mais espinhosa. Alegações de contenção de despesas aliaram-se aqui e ali com a má vontade contra a cultura, sempre presente entre burocratas do tesouro e outros avessos ao fazer cultural. Em defesa do projeto, eu havia levantado os custos de página de propaganda institucional impressa para confrontá-los versus a mídia espontânea, gratuita e positiva a ser amealhada. Um fosso separava o acanhado investimento do benefício que se vislumbrava com sua publicação!

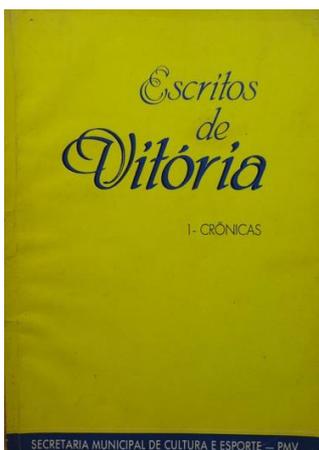
Depois de apascentar os advogados do diabo capitalista ou dos burocratas de escrivania, refratários a investimentos culturais, o passo seguinte foi o de estruturar um conselho editorial. Tanto com o secretário de Cultura e Esportes Joaquim Beato, tanto quanto com o prefeito Paulo Hartung havíamos assegurado a autonomia do conselho. E, ainda, um miúdo mas saudável pró-labore para os conselheiros – e eu jamais cobre pela criação e orquestração do projeto, apenas reivindicando a permanência em seu conselho editorial. O arranjo da tramitação administrativa do projeto ficou a cargo da subsecretária Miriam Santos Cardoso.

Assim, a composição inaugural do projeto Coleção Escritos de Vitória apresentou a seguinte contribuição: Adilson Vilaça, Joca Simonetti, Luciana Vellozo Santos, Pedro José Nunes e Sérgio Blank, estimado amigo e precioso poeta que tão cedo foi intimado a virar memória. Por decisão do conselho editorial, o primeiro número teve como tema a própria cidade de Vitória, em sua riqueza multifacetada, suas emoções e seu concreto civilizatório; enfim, o que se coubesse dizer sobre nossa Ilha do Mel, conforme entendimento consonante do conselho editorial da coleção. O projeto nasceu com fôlego bimestral – atualmente, a periodicidade se estende a ano cheio. Também se concertou que a primeira edição reuniria exclusivamente crônicas. Em texto de apresentação, assinou o prefeito Paulo Hartung (1993, p. 5-6):

A cidade é o amplo cenário e o protagonista dos textos, de maneira que se comporá um painel do espírito da nossa sociedade, um rico testemunho documentado pela sensibilidade de autores de variados gêneros literários; autores que aqui nasceram ou estão radicados, vivenciando costumes e valores da sociedade capixaba, em especial aqueles que reverenciam a nossa ilha-delícia.

Os cronistas compõem esse primeiro volume. A observação minuciosa da crônica recupera fatos e alinha um jogo de sentimentos, uma relação de amor com a cidade que o projeto, com certeza, irá revigorar. Os autores convidados para participar desse volume de crônicas, em critério que será adotado para toda a coleção, foram indicados pelo Conselho Editorial constituído pela Secretaria de Cultura e Esporte.

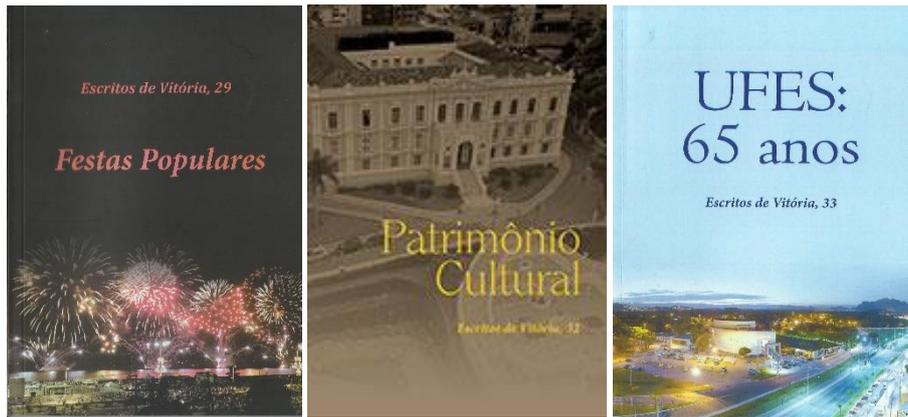
É necessário anotar que o lançamento foi um sucesso. Manifestando-se por meio de diversos veículos, a mídia espontânea, gratuita e positiva superou de muito o agouro da tropa da má vontade em relação aos projetos culturais. Providenciei relatório com gráficos e o apresentei ao prefeito, ao secretário da pasta e ao conselho. Ainda é necessário dizer que foi garimpo da melhor bateia o conjunto de cronistas que saudou com primorosos textos o nascimento da coleção. Para o caso, vale alinhar todo o elenco. São eles: Álvaro José Silva, Debson Afonso, Ivan Borgo, Jairo Britto, Jonas Reis, José Costa, José Valporto Tatagiba, Luiz Guilherme Santos Neves, Marcos Alencar, Marien Calixte, Oscar Gama Filho, Paulo Bonates, Reinaldo Santos Neves e Renato Pacheco.



Capa do volume inaugural da Coleção Escritos de Vitória: *Crônicas* (1993).

Vários deles participaram com mais de um texto. Ivan Borgo, José Costa, Marien Calixte e Renato Pacheco hoje desfilam na galeria das saudades. Seus olhares sobre a Ilha de Vitória estão indelevelmente impressos na Coleção Escritos de Vitória. Cabe também dizer que, na avaliação da época, era vetado aos conselheiros contribuir com suas escrituras. Estávamos errados, julgamos mais adiante; e reformulamos. Ainda insistimos em errar no segundo número, para o qual coletamos apenas contos. No terceiro nos corrigimos em um ponto: aquele quanto à restrição do alargado e equivocado entendimento de que revezaríamos gêneros. De modo que o terceiro número inaugurou a concepção de que, indicado o núcleo temático, valeria o seu desenvolvimento na cepa de todo e qualquer expressão de texto que se adequasse às normas técnicas demarcadas pelo conselho.

O terceiro número, para o bem ou para o mal, escapou de conter exclusivamente poemas. Seu tema foi a Escola de Artes Fafi, então restaurada e no ápice de sua venturosa amostra artística. Um vasto e estimado elenco de temas desfilou na alma da cidade: logradouros, cinemas, personalidades de Vitória, escolas, praias, bares e botequins etc., paisagem, Parque Moscoso, porto, igrejas, movimentos sociais, esporte, Vitória do futuro, imprensa, teatro, enfim... Há atualmente 35 livros publicados pela coleção. Mas foi no número 24, dedicado ao tema rádio, em 2007, que a Academia Espírito-Santense de Letras entrou em cena. Porém, antes de situar o papel da Academia de Letras, determinante para a pulsação da coleção, cabe estabelecer o nascimento de suas coirmãs. As coleções José Costa e Roberto Almada.



Capas de volumes da Coleção Escritos de Vitória.

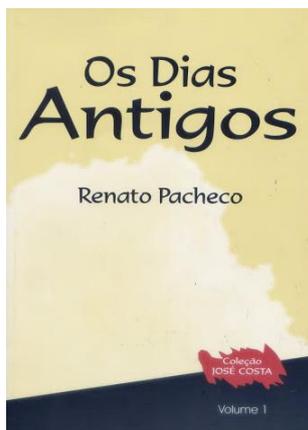
## José Costa

Em 1998, na administração do prefeito Luiz Paulo Vellozo Lucas, a secretária de Cultura Cláudia Cabral convidou-me a constituir novos projetos de publicação, que, evidentemente, iriam se somar ao sucesso da Coleção Escritos de Vitória. Apresentei três projetos: as coleções José Costa, Roberto Almada e Elmo Elton. Esta última ficou pelo meio do caminho – após desfilar por nove bairros, ela morreu na praia. Seu objetivo era pesquisar e publicar a memória dos bairros de Vitória, por meio de fontes secundárias e de entrevistas com lideranças e moradores locais. Dedicada ao pesquisador e cronista Elmo Elton, com quem passei seguidas vezes no rastro da fundação da cidade, esta coleção interrompida cessou no número nove – começou por Santo Antônio, o bairro mais antigo de Vitória, e se afogou na Praia do Suá, com o final da gestão de Luiz Paulo Vellozo Lucas.

A Coleção José Costa ainda navega na história e na memória do município. José Costa foi brilhante cronista da Ilha, com anos de militância na imprensa capixaba, em especial em *A Gazeta*. Nossa aproximação ocorreu em grupo de estudos guiado pelo tema guarda-chuva Humanidades. Desumanamente, José Costa foi colhido pela brutalidade da violência urbana, vítima de assalto na rua em que morava, na aprazível Praia do Canto. Incansavelmente, ouvi dele o quanto era necessário que se abrisse uma linhagem de publicações voltada a trazer à baila

a fundação da cidade, desde seu remoto tempo. Noutra vertente, uma coleção que reeditasse livros preciosos ao acervo de nossa história, vários deles inacessíveis ao público porque se encontravam esgotados ou mesmo haviam caído no esquecimento. Aliei as duas vertentes para o nascimento da coleção e a batizei com o nome do saudoso cronista.

A primeira publicação da Coleção José Costa foi texto inédito do historiador Renato Pacheco.



Capa do volume inaugural da Coleção José Costa: *Os dias antigos*, de Renato Pacheco (1998).

*Os dias antigos* (PACHECO, 1998) miram a cidade de Vitória na Era Vargas. O autor frisou no "Prefácio":

Tento resgatar, nesta viagem para o atuo-entendimento, a vida cotidiana vitoriense, no período que vai desde a Revolução de 1930 até o final da Segunda Guerra Mundial e redemocratização do país.

A história da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, reflete, em grande parte, ações ocorridas no eixo Rio-São Paulo, um compartilhamento do que se fazia lá fora, objetivando satisfazer às necessidades do intelecto e promover ideais de uma vida civilizada, à moda da Europa e dos Estados Unidos industrializados.

O que o homem tem criado, ao amparo da rotina citadina, cedo ou tarde, quase sempre se espraia pelo ecúmeno, passando a ser patrimônio coletivo da humanidade, sobretudo em épocas como a nossa, de interdependência cultural.

Da história testemunhal do professor Renato Pacheco, fomos ao segundo número para reeditar relíquia da história capixaba: *Insurreição do Queimado* (1999), de

Afonso Cláudio. A revolta foi deflagrada em 19 de março de 1849, numa freguesia que, então, pertencia à Capital – hoje, o território pertence ao município de Serra; e, finalmente as ruínas da igreja do Queimado estão protegidas adequadamente. A revolta terminou em condenações cruéis: enforcamento e chibata, que matava ainda mais dolorosamente, com desfecho de até mil golpes. A reedição da obra, desde muito esgotada, à época foi sensível contribuição à retomada da investigação histórica sobre o fato, alentando a celebração dedicada aos condenados quando se transcorriam 150 anos da revolta.

O Conselho Editorial – composto por mim, Condebaldes Borges de Menezes, Joca Simonetti, Elizete Terezinha Caser Rocha, Lígia Maria Mello Nagato e Lourdes Badke Ferreira – selecionaria em seguida o livro *Logradouros antigos de Vitória* (1999), de Elmo Elton, para reedição. Ainda na década de 1980, quando gerenciava a Comunicação do Instituto Jones dos Santos Neves, eu participei como editor da felicidade de lançar esta minuciosa obra do cronista Elmo Elton. A obra é um passeio rua a rua, praça a praça, no sítio histórico da cidade de Vitória. Como documentado está, a Coleção José Costa bem cumpre a proposição vislumbrada em seu nascimento. A partir de 2007, com a publicação de *Vitória do meu tempo* (2007), o décimo livro da Coleção José Costa, a Academia de Letras passaria a coordenar, em convênio com a Secretaria Municipal de Cultura, também esta coleção.



Capas de volumes da Coleção José Costa.

## Roberto Almada

A Coleção Roberto Almada homenageia o vigoroso poeta: por seu estilo, por seu porte físico – que o traiu ao sucumbir a infarto fulminante. Sólidos permaneceram seus versos, na recusa do esvaecimento no ar. Os versos de Roberto Almada são de pedra, umas sobre as outras, num rigor que transforma sua poesia numa muralha impenetrável às incúrias do tempo. Nos dias finais, cultivávamos o nem tão saudável hábito de encarar uma feijoada no restaurante Mar e Terra, já na sua versão na Praia do Canto. Morávamos lá. Eu e o poeta revezávamos quanto ao pagamento: semana sim, semana não, cada qual bancava a despesa. Fiquei devendo-lhe uma feijoada – ele partiu no decorrer da semana. Sua poesia ainda ecoa, como no “Poema I” do conjunto *O país d’El Rey & a casa imaginária* (ALMADA, 1998, p. 51).

Deste frágil território  
Eis que sou constituído,  
Lançadas minhas raízes  
Na terra chã que me envolve.

Cultivar há o que cultivo  
No ócio deste hectare.  
Não é frágil território  
Chegada a sementeira.

Este lugar escolhido  
Na cova em que me procuro.  
Fechar pois com um enigma  
Os olhos que estão inertes.

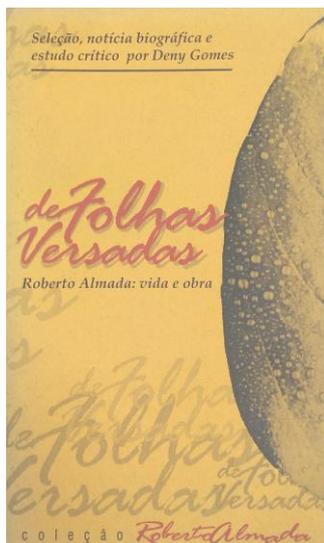
Germinar é o que me custa  
O preço deste abandono  
De que me faço semente  
Sem nenhuma ruptura.

Deste frágil território  
Eis que sou constituído,  
No muco desta desdita  
A que me encontro resumido.

Vivo. E pois como vivo,  
Sigo até onde o caminho  
É planta e chão de que cuido  
Alheio a toda contextura.

Eis-me aqui redivivo  
Neste frágil território.  
No ócio deste hectare  
Chegada a sementeira.

O Conselho Editorial – mesma formação das coleções então lançadas – selecionou uma listagem de onze autores contemporâneos, da prosa e do verso, para compor o primeiro time da Roberto Almada. Houve critério de número mínimo de publicações por autor – quatro livros – e outros tais. Cada livro da coleção se compunha de um estudo analítico da obra, de antologia do autor estudado e de uma notícia biográfica. Os mortos desta lista foram reverenciados com escalação para o início: o próprio Roberto Almada, o contista Fernando Tatagiba e o romancista Amylton de Almeida.



Capa do volume inaugural da Coleção Roberto Almada:  
*De folhas versadas. Roberto Almada: vida e obra*, de Deny Gomes (1998).

Seguiram-se os vivos, em ordem alfabética: Adilson Vilaça, Bernadette Lyra, Luiz Guilherme Santos Neves, Miguel Marvilla, Reinaldo Santos Neves, Renato Pacheco, Sérgio Blank, Waldo Motta. Além da professora Deny Gomes, foram convidados, pela ordem, os seguintes pesquisadores: Fábio Memelli, novamente Deny Gomes, Francisco Aurelio Ribeiro, José Artur Bogéa, Maria Tereza Coelho Ceotto, Joana D’Arc Baptista Herkenhoff, Mônica A. Heloane Carvalho de Sant’Anna, Andréia Delmaschio, Reinaldo Santos Neves e Deneval Siqueira de Azevedo Filho. No décimo segundo número a Academia Espírito-Santense de

Letras entraria em cena, tornando-se a guardiã das três coleções que haviam sobrevivido. Ano de 2007, nova fase e o evento salvador. O evento que iria assegurar a pulsação das coleções durante seguidas gestões municipais, redivivas durante seguidas décadas, foi a bem-vinda participação da Academia de Letras.



Capas dos volumes da Coleção Roberto Almada.

## Academia

O afã produtivo da Academia salvou as coleções. Vez a vez as publicações ficaram na UTI por conta de gestores culturais sem aptidão para o cargo. Pairavam sombras, a variar de tons como a nomeação de conselheiros ao bel-prazer do gestor, da cassação da autonomia do conselho, da mudança da linha editorial das coleções ou mesmo da cessação do suporte financeiro da Prefeitura de Vitória – os livros têm distribuição gratuita, desde os anos 2000 findou o pró-labore dos envolvidos. Bem, eu era o lobo solitário a guarnecer a ninhada: ora com apelo ao bom senso, ora com apelo jurídico. Na condição de criador das coleções, firmei a convicção de que elas poderiam mesmo deixar de circular, mas não seriam aviltadas.

A solução da Academia de Letras pôs fim ao impasse. As coleções foram abrigadas por uma entidade centenária, disposta a pugnar pela existência dos projetos. Nada mais de lobo solitário: era a hora e a vez de uma alcateia do bem. O entusiasmo do então presidente Francisco Aurelio Ribeiro e de outros acadêmicos oxigenou as produções. Os conselhos passam a ser constituídos pelo indefectível Adilson Vilaça, por um representante da Secult/PMV (quase sempre a bibliotecária Elizete Caser), pelo presidente do Instituto Histórico e Geográfico do ES, Getúlio Neves, pela presidência e vice-presidência da AEL e um este ou aquele acadêmico designado *ad hoc*.

Em 2020, a Coleção Escritos de Vitória alcançou 35 números; a Roberto Almada, 32; e a José Costa, 31. A Academia de Letras recebe por convênio da Administração Pública Municipal nada além do que o suficiente para pagar a terceiros a editoração e a impressão dos livros. A participação com a oferta de textos para a Coleção Escritos de Vitória sempre foi marca dos acadêmicos, porém ela se realizou com a adoção das publicações pela Academia. Antes, no início deste processo, com o professor Francisco Aurelio na presidência, havia se tornado nítido o objetivo de atrair mais e mais escritores ou populares, autores eventuais, para imprimir sua visão da cidade neste tão longo e valioso documento. Este desígnio foi reforçado na gestão da professora Ester Abreu, à frente da Academia neste 2021 que festeja o Centenário da Casa de Letras.

No tocante às outras duas coleções, José Costa e Roberto Almada, respectivamente, acentuaram-se as pesquisas dos textos que fazem jus em ser despertados e justamente relançados, ou da seleção de autores da literatura produzida no Espírito Santo merecedores de estudos que contribuam sua permanência qualificada.

A Academia Espírito-Santense de Letras jamais se enclausurou na solidão. O que a trouxe até aqui, o que a move, é sua inquietude em abraçar a coletividade. É uma casa de 100 anos dedicados à produção. Nela já não me sinto sozinho; minha emoção não mais se desgasta em salvar essas coleções, não mais careço

enfrentar ameaças de dias sombrios. Não estou só à beira de eventual abismo, sou parte da solução, do investimento na vida, à maneira dos versos do saudoso amigo Roberto Almada:

Vivo. E pois como vivo,  
Sigo até onde o caminho  
É planta e chão de que cuido  
Alheio a toda contextura.

### Referências:

ALMADA, Roberto. Poema I. In: GOMES, Deny (Org.). *Folhas versadas. Roberto Almada: vida e obra*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1998. (Coleção Roberto Almada, v. 1). p. 51.

CLÁUDIO, Afonso. *Insurreição do Queimado*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1999. (Coleção José Costa, v. 2).

ELTON, Elmo. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal de Cultura, 1999. (Coleção José Costa, v. 3).

HARTUNG, Paulo. Apresentação. In: *ESCRITOS de Vitória 1: crônicas*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1993. p. 5-6.

HORTA, Areobaldo Lellis. *A Vitória do meu tempo*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2007. (Coleção José Costa, v. 10).

PACHECO, Renato. *Os dias antigos*. Vitória: Edufes; Prefeitura Municipal de Vitória, 1998. (Coleção José Costa, v. 1).